

A CONDIÇÃO DE CRIANÇA, A SEXUALIDADE E O SABER

Jane Mara dos Santos Barbosa

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFJF.



Resumo

Este trabalho aborda a relação da curiosidade sexual e as teorias sexuais infantis com a aquisição do saber pela criança. As características das crianças que serão tratadas referem-se à ausência de ingenuidade e à correlação entre o êxito ou fracassos obtidos das curiosidades sexuais como determinantes do caráter. Referem-se também à posição do sujeito frente ao acesso, à intelectualidade e à distinção entre o saber sobre a morte para a criança e para o adulto. Ademais, dizem respeito ao esclarecimento sobre como o conhecimento da própria imagem para a criança que, ainda não é capaz de controlar seus movimentos psicomotores, a torna capaz de fazer laço. A presença da sexualidade na criança tende a ser tratada pelo adulto como algo irrelevante e, em alguns casos, como patológico. Freud atribui esse comportamento à amnésia infantil. Assim, o adulto, frequentemente, faz uso de inverdades por meio de histórias fantasiosas para omitir ou adiar o esclarecimento das curiosidades apresentadas pelas crianças, sejam elas sexuais ou sobre a morte. Através da curiosidade sobre a sua origem e a morte, a criança inicia sua exaustiva busca pelo saber. As informações a que tem acesso, muitas vezes, apresentam-se censuradas ou escamoteadas, de forma que só adiam sua aproximação do saber. Por intermédio do contato com os outros, entretanto, sejam eles crianças, adultos ou animais, ela se sente instigada a buscar esclarecimentos para suas curiosidades. Para Freud, essa busca pelo saber será determinante para a criança no desenvolvimento da sua intelectualidade.

Palavras-chave: Freud. Criança. Sexualidade. Saber.

Este trabalho resulta de parte da pesquisa de mestrado que se intitula “A criança e o infantil em Freud: a clínica psicanalítica com crianças e os ideais socialmente instituídos”. A condição de

criança, a sexualidade e o saber tratam das nuances que Freud apresenta sobre a criança em sua obra. Ele aborda a relação da curiosidade sexual e as teorias sexuais infantis com a aquisição do saber pela criança.

Partindo de ideais socialmente instituídos, constatamos que a presença da sexualidade na criança tende a ser tratada pelo adulto como algo irrelevante e, em alguns casos, como patológico. Freud atribui esse comportamento à amnésia infantil desenvolvida pelo indivíduo através da cultura e da educação. Assim, o adulto frequentemente faz uso de inverdades por meio de histórias fantasiosas para omitir ou adiar o esclarecimento das curiosidades apresentadas pelas crianças, sejam elas sexuais ou sobre a morte. Através da curiosidade sobre a sua origem e a morte, a criança inicia sua exaustiva busca pelo saber. Ela busca respostas que expliquem tudo que lhe parece estranho e familiar ao mesmo tempo. As informações a que tem acesso, muitas vezes, apresentam-se censuradas ou escamoteadas, de forma que só adiam sua aproximação do saber. Por intermédio do contato com os outros, entretanto, sejam eles crianças, adultos ou animais, ela se sente instigada a buscar esclarecimentos para suas curiosidades. Para Freud, essa busca pelo saber será determinante para a criança no desenvolvimento da sua intelectualidade. Da mesma forma, o impedimento do esclarecimento da curiosidade sexual pode trazer agravamentos na manifestação da neurose. E, quando se fala em esclarecimento das crianças, fala-se no esclarecimento de todo tipo de conteúdo que não deve ser apresentado de forma que faça com que a criança se sinta enganada.

Quando falamos em criança, precisamos compreender a condição da posição manifestada pelo sujeito frente ao seu desejo. A infância apresenta uma condição que marca a pré-história do sujeito com mecanismos sendo constituídos. Desse modo, Lacan (1949/1998), em “Estádio do Espelho como formador da função do eu”, leva-nos a compreender o estágio de *infans*, conforme o próprio autor nomeia, como aquele em que o “filhote do homem” ainda não foi restituído pela linguagem à função de sujeito. Nesse período da infância, a criança manifesta desconhecimento de sua dimensão corporal. Lacan (1949/1998) esclarece que, a partir do estágio do espelho, a criança se percebe enquanto imagem, inaugurando a imago do próprio corpo. Através da *Gestalt*, o autor vai enfatizar que a criança que ainda não apresenta o controle dos próprios movimentos já é capaz, psiquicamente, de sofrer efeitos formadores constitutivos. Entenda-se *Gestalt* como

uma exterioridade constituinte, através da teoria da forma. Partindo de uma concepção de que o homem, no início da vida, apresenta-se como prematuro, um ser que ainda dependerá por anos de outro ser para sobreviver, Lacan (1949/1998) estima que a percepção do *infans* sobre sua imagem é de um corpo esfacelado, com membros disjuntos e órgãos expostos, o que o autor define como fetalização.

No estágio do espelho, a criança adquire, através da percepção de seu reflexo, uma concepção de sua imagem que antes era marcada, imaginariamente, como esfacelada para o que Lacan (1949/1998) vai chamar de ortopédica. Essa imagem, agora fixada, funciona como uma identidade alienante que predomina durante todo o desenvolvimento mental do sujeito. Lacan (1949/1998) formula a teoria do estágio do espelho tomando a experiência psicanalítica como reveladora da percepção do sujeito que, através de seu sintoma, manifesto em determinada estrutura psíquica, reedita percepções corporais anteriores à travessia desse estágio. Ao fim do estágio do espelho, a criança, por meio do ciúme primordial e da identificação com a imagem do semelhante, é capaz de fazer laço diante de situações socialmente elaboradas. Lacan (1949/1998) toma o estudo da antropologia, em que tentam explicar o homem a partir da junção entre natureza e cultura para posicionar a Psicanálise como a única que revela a servidão imaginária, resultante desse conflito e que a Psicanálise tenta ressignificar (LACAN, 1949/1998).

As características da ingenuidade e inocência atribuídas à criança desde a intervenção dos educadores religiosos moralistas e, posteriormente reforçada por Rousseau, não passam de uma posição de conforto para que a criança possa usufruir de uma liberdade em seus atos sem ter de se haver com censuras morais. Segundo Freud (1905/1992), pode haver uma ingenuidade na criança proporcional a sua ignorância, porém há possibilidade de uma ingenuidade enganadora, tomada, simplesmente, como um conceito estabelecido sem considerar a possibilidade de uma ignorância inexistente. A criança usa o artifício de representar uma ingenuidade, frequentemente, com o objetivo de desfrutar uma liberdade que não lhe seria permitida. Deve-se tornar intelectualmente conhecido para a criança aquilo que ela está, psiquicamente, preparada e, fisicamente, apta. Freud (1907/1992), em “Esclarecimento Sexual das Crianças”, afirma que um recém-nascido já vem ao mundo com a sua sexualidade e poucas crianças alcançam a puberdade sem ter experimentado sensações e atividades

sexuais. Ele ainda garante que a principal diferença com a puberdade é que o púbere tem seu erotismo forçado a colocar-se a serviço da função reprodutora, concedendo aos genitais a primazia entre todas as zonas e fontes produtoras de prazer. A criança, no entanto, antes da puberdade, é capaz de ser terna, enciumar-se e dedicar-se, ou seja, ela é capaz da maior parte das manifestações psíquicas do amor. Sendo assim, a ignorância teórica que leva os adultos a ocultar os assuntos sexuais das crianças se deve a uma pudicícia e má consciência daqueles em relação a assuntos sexuais, o que apenas contribui para criar um mistério diante das crianças.

Esse mistério também é incentivado pelos adultos quando a morte está em questão. Algo parecido com isso acontece quando a criança se confronta com a morte de uma pessoa próxima. A percepção da morte no início da infância é distinta da percepção dos adultos. Freud (1900/1992), em “A Interpretação de Sonhos”, enfatiza que, para as crianças, a morte se resume ao ato de “ir embora” e deixar de incomodar os sobreviventes. As crianças são poupadas de momentos de sofrimento que antecedem a morte, como o período de desenvolvimento da doença, por exemplo, e não dimensionam as condições de putrefação e degeneração a que chega o corpo humano, proporcional ao tempo que se passa após a morte. Para a criança, a morte ainda não tem o sentido que é o desaparecimento eterno como o adulto o dimensiona. Ela não diferencia a forma como a ausência é provocada: se se trata de uma ausência temporária ou da morte. Por uma dificuldade dos pais em lidar com o sentimento de finitude, também, aqui, criam-se histórias enganosas para a criança, pressupondo-se que ela compreenda melhor. Entre as histórias, as mais comuns são as de que as pessoas mortas viram anjo ou estrela.

As histórias contadas às crianças sobre a origem dos bebês têm um curto efeito e fazem com que a credibilidade nos pais torne-se vulnerável. Em “Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua Infância”, Freud (1910/2013a) afirma que o infante faz muitas perguntas em substituição àquela que nunca faz: de onde vêm os bebês? A mais comum das histórias inventadas pelos adultos para explicar a origem dos bebês é a que utiliza a cegonha como transporte. A recusa da criança em aceitar a versão adulta sobre o nascimento dos bebês inicia a independência intelectual da criança. Freud (1907/1992), em “Esclarecimento Sexual das Crianças”, aponta que a postura de não esclarecer as crianças sobre os assuntos sexuais leva estas a fragilizar a confiança que depositam nos pais e passam a esconder deles seus interesses

mais íntimos. As perguntas não respondidas podem se tornar aflitivas e atormentar as crianças em segredo, levando-as a procurar soluções que se aproximem de explicações falsas e furtivas, o que pode fazer com que entendam o sexo como horrível e nauseante. Um bom exemplo, encontrado em “Análise de uma Fobia em um menino de cinco anos” (1909/1992), é a constatação de Hans no nascimento de sua irmã Hanna. O menino havia recebido das pessoas ao seu entorno a informação de que a cegonha estaria para chegar com um bebê. Ao ouvir os gemidos e a tosse da mãe, imagina que era dia da cegonha chegar. Ao ser levado ao quarto da mãe, entretanto, observa bacias e outros recipientes que continham sangue e água e afirma que de seu pipi não sai sangue.

A criança utiliza alguns recursos em sua busca do saber. Entre esses recursos, encontram-se o contato com seus pares e a elaboração de suas teorias sexuais. Diante das falsas tentativas dos pais em explicar como se dá o nascimento dos bebês, as crianças têm dificuldades em aceitar, como verdadeiras, as histórias incoerentes dos pais sobre o assunto. A partir do esforço inútil destes de afastar das crianças conteúdos sexuais, estas desenvolvem suas próprias teorias motivadas pela curiosidade. Freud (1908/1992), em “Sobre as teorias sexuais das crianças” compara isso à curiosidade que leva grandes pesquisadores ou inventores às grandes descobertas, pelas quais são famosos. O esforço dos pais torna-se inútil, porque as crianças encontram outros meios, que motivam suas teorias, seja no contato com outras crianças, no nascimento do irmão mais novo ou no contato com os animais que são tratados com afeto pelas crianças.

Alguns autores comentam a relação que Freud estabelece entre o saber e a busca pelo conhecimento sobre a sexualidade nas crianças. Como ressaltam Santiago e Lino (2010), Freud destaca o mistério da sexualidade como o principal motivador do saber. As curiosidades que surgem na infância são o fomento para a busca da ciência e do discernimento. Os autores acenam para a possibilidade de Freud (1907/1992) considerar, no “Esclarecimento sexual das crianças”, que quanto mais o conhecimento sobre o sexo é escondido da criança, mais ela sente ser aguçado seu desejo por conhecimento. As principais questões que afligem a criança implicam o nascimento dos bebês, bem como a pertença ou não de pênis.

O processo de descoberta inicia-se a partir da diferença entre os genitais, que, a princípio, não é reconhecida e muitas vezes até renegada, principalmente nos meninos que percebem a genitália da menina como temporária, a qual futuramente

deverá se desenvolver. Essas aproximações da verdade sexual pela criança apresentam sementes que a levam à descoberta do mistério que os adultos insistem em fazer sobre o assunto (FREUD, 1908/1992). Freud (1914/2013), em “Contribuição à História do Movimento Psicanalítico”, reitera que as crianças, a princípio, partem da suposição de que tanto o homem quanto a mulher possuem o mesmo sexo, o masculino. As pesquisas delas, no entanto, não fazem distinção entre os sexos e nem escala de valor, tomando um dos sexos como mais importante do que o outro ou depreciando socialmente o sexo feminino.

Freud traça um campo novo de saber ao tratar do conceito de criança sem tomar como ponto de ancoramento o biológico ou anatômico. Para Nicéas (1988), a teoria da sexualidade desenvolvida por Freud não pretende estabelecer a ideia de uma teoria pronta. Ao contrário, o que percebemos são notas retificadoras e ratificadoras ao longo de sua obra, em que corrige e confirma suas teorias. Esse aspecto da teoria imprime um caráter enigmático à sexualidade, tornando-a, continuamente, algo a ser investigado e decifrado. Segundo Nicéas (1988), Freud certifica o caráter enigmático da sexualidade desde suas primeiras palavras sobre a presença da sexualidade em crianças. Tal presença derrubava a fábula da inocência sexual da infância até seus textos que tratavam dos enigmas do feminino e prometia maior esclarecimento quanto a essa questão no horizonte da ciência. Freud pensou uma teoria pautada sobre os avatares do sexo humano sem se ancorar nos conceitos biológicos, dando uma fundamentação ao campo da sexualidade fora do recorte anatômico ou da materialidade da carne, que até então era impensável. Diante desse quadro, Freud traça, dentro das teorias sexuais infantis, o caráter do recorte de verdade, em que é reconhecido um só órgão, o pênis. A referência ao órgão se estabelece como o único percebido no início e, logo depois, prometido a crescer na menina. Quando assegurada a sua ausência, é marcado como um falo castrado.

A busca pelo saber da criança resulta em um sucesso ou um fracasso, com caminhos distintos para a aquisição da intelectualidade do sujeito. Esse caminho pode se dar de três formas, de acordo com Freud (1910/2013a), em “Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância”, a ânsia por conhecimento, dificilmente, está separada da curiosidade sexual. O sucesso ou fracasso nas investigações da criança participa do destino da sexualidade. E, caso fracasse, a curiosidade permanecerá inibida e a liberdade da atividade intelectual poderá ficar limitada, durante todo o decorrer de sua vida, o que caracterizaria uma inibição neurótica como um dos resultados desse fracasso.

Outro possível resultado, baseado no fracasso, seria o desenvolvimento intelectual que se daria da forma neurótica compulsiva. O desenvolvimento intelectual neurótico compulsivo é caracterizado pela capacidade de associação, através da inteligência. Para que isso seja possível, o recalçamento que domina os conteúdos sexuais precisa ser superado, para que haja emergência das suprimidas atividades sexuais. Esse é o tipo de pesquisa, todavia, que toma a forma de uma preocupação pesquisadora compulsiva. Nesse caso, os resultados das pesquisas substituiriam a satisfação sexual, naturalmente, sob uma forma distorcida e não livre, sexualizando o próprio pensamento. O resultado dessa forma de desenvolvimento intelectual seria o caráter interminável das pesquisas infantis que seria repetido, como se tal preocupação nunca terminasse e o sentimento intelectual se tornasse mais distante.

O terceiro, mais raro e mais perfeito destino de desenvolvimento intelectual, seria aquele em que a libido escapa ao destino da repressão, sendo sublimada, desde o começo, em curiosidade e ligando-se à poderosa pulsão de pesquisa como forma de se fortalecer. Nesse caso, em que ocorre a sublimação, a pesquisa também pode ser compulsiva e funcionar como substituto para a atividade sexual, porém não há “ligação com os complexos originais da pesquisa sexual infantil” e a “pulsão age livremente a serviço do interesse intelectual”. A libido sublimada, acrescentada na repressão sexual, torna a pulsão forte e a influencia, evitando qualquer preocupação com temas sexuais. Freud cita como modelo ideal desse terceiro tipo Leonardo Da Vinci que apresentava uma poderosa pulsão de pesquisa e a atrofia de sua vida sexual, restrita ao que Freud chama de homossexualidade ideal sublimada (FREUD, 1910/2013a).

De acordo com Freud (1910/2013b), em “Cinco Lições de Psicanálise”, a criança dedica boa parte da sua atividade intelectual aos interesses sexuais. Essas investigações e teorias sexuais são determinantes na constituição do seu caráter e do conteúdo da neurose futura. Se partirmos dos sintomas e traços neuróticos, buscando suas fontes, constatamos a existência e a importância da sexualidade infantil, permitindo explicar e modificar o que é possível dentro do quadro das neuroses.

Assim, podemos apurar um conceito de criança que se desprende da preocupação em utilizar uma imagem ingênua para corrigir ou desculpar o homem, como propõe o conceito forjado pelos moralistas e religiosos, ou mesmo na criança proposta por Rousseau. A criança, em Freud, é uma criança inteligente, que não se encontra paralisada diante dos mistérios que os adultos persistem em manter e, assim, é capaz de perscrutar e teorizar para compreender o mundo ao seu redor. Com sua inteligência,

o pequeno infante é capaz de se favorecer com os mistérios que ele sabe que os adultos lhe impõem. Nessa inquietação podemos encontrar o embrião que move importantes pesquisas que esses *infans* possam vir a realizar em sua vida adulta e revelam uma intelectualidade, sendo constituída.

THE CONDITION OF BEING A CHILD, SEXUALITY AND KNOWLEDGE

ABSTRACT

This work discusses the relation of sexual curiosity and infantile sexual theories with the child's acquisition of knowledge. The characteristics of the children who are analyzed in this study refer to the absence of naivety and the correlation between the success or failure of sexual curiosities as determinants of their character. These characteristics also refer to the position of the subject facing the access, the intelligentsia, and the distinction between knowledge about death for the child and for the adult. Furthermore, these characteristics concern the clarification on how the knowledge of their own image for the child, who is still not able to control their psychomotor movements, enables them to bond with people. The presence of sexuality in the child tends to be handled by an adult as irrelevant and, in some cases, as pathological. Freud attributes this behavior to infantile amnesia. Thus, the adult often uses untruths through fanciful stories in order to omit or postpone clarification of the curiosities presented by children, whether sexual or about death. Through the curiosity about their origin and death, the child starts their exhaustive search for knowledge. The information they have access to is often censored or overlooked, so that their approach to knowledge is only postponed. However, through the contact with others, whether they are children, adults or animals, the child feels instigated to seek clarification on their curiosities. For Freud, this quest for knowledge will be determinant for the child in the development of their intelligentsia.

Keywords: Freud. Child. Sexuality. Knowledge.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. Análisis de la fobia de un niño de cinco años. In: FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires/Madrid: Amorrortu, 1909/1992. v. X, p. 1-118.
- FREUD, S. Contribuição à História do Movimento Psicanalítico. In: FREUD, S. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1914/2013. v. XI, p. 245-327.
- FREUD, S. El chiste y su relación con lo inconciente. In: FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires/Madrid: Amorrortu, 1905-1992. v. VIII, p. 1-223.
- FREUD, S. El esclarecimiento sexual del niño (Carta abierta al doctor M. Fürst). In: FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires/Madrid: Amorrortu, 1907-1992. v. IX, p. 111-112.
- FREUD, S. La interpretación de los sueños. In: FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires/Madrid: Amorrortu, 1900/1992. v. IV e v. V, p. 3-670.
- FREUD, S. Sobre las teorías sexuales infantiles. In: FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires/Madrid: Amorrortu, 1908-1992. v. IX, p. 183-184.
- FREUD, S. Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci. In: FREUD, S. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1910-2013a. v. IX, p. 113-219.
- FREUD, S. Cinco lições de Psicanálise. In: FREUD, S. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1910/2013b. v. IX, p. 220-286.
- LACAN, J. O Estádio do Espelho como formador da função do eu. In: FREUD, S. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1949-1998. p. 96-103.
- NICÉAS, C. Além da Castração, A SEXUALIDADE: indicações freudianas. In: BIRMAN; NICÉAS. **A ordem do sexual**. Campinas: Rio de Janeiro, 1988. p. 11-18.
- SANTIAGO, J.; LINO, C. Saber e Verdade no sonho da injeção de Irma. **Psicologia em Revista**, v. 16, n. 3, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000300006. Acesso em: 14 jun. 2015.

Recebido em: 22/06/2015

Aceito em: 23/11/2015